



QUALIS
A2



**A SECURA DAS PALAVRAS E A FOME DO MUNDO:
A ESTÉTICA DA CRUELDADE EM GRACILIANO RAMOS¹**

**THE DRYNESS OF WORDS AND THE HUNGER OF THE WORLD:
THE AESTHETICS OF CRUELTY IN GRACILIANO RAMOS**

Jocirley de OLIVEIRA
Faculdade de Ciências do Tocantins (FACIT)
E-mail: oliveiraaraguaina2013@gmail.com
ORCID: <http://orcid.org/0009-0008-4126-0091>

RESUMO

O presente artigo insere-se no campo dos estudos literários, com enfoque na análise estética e crítica da obra de Graciliano Ramos, especialmente no que se refere à construção da chamada “estética da crueldade”. Partindo do contexto histórico e social do Brasil nas primeiras décadas do século XX, marcado por desigualdades, miséria e exclusão, o estudo busca compreender como a linguagem seca, objetiva e econômica do autor revela, de forma contundente, a dureza da realidade social nordestina. O objetivo central consiste em analisar de que maneira a secura das palavras em Graciliano Ramos funciona como recurso estético e político, evidenciando a fome, a opressão e a desumanização dos sujeitos retratados. A pesquisa é de natureza qualitativa, com caráter exploratório e descritivo, adotando abordagem interpretativa baseada em análise bibliográfica de obras do autor e de críticos literários. Os resultados indicam que a economia linguística não representa apenas uma escolha estilística, mas um instrumento de denúncia social, que intensifica a experiência do leitor diante da brutalidade da realidade narrada. Conclui-se que a estética da crueldade em Graciliano Ramos articula forma e conteúdo de maneira indissociável, contribuindo para a construção de uma literatura crítica, engajada e profundamente humana.

Palavras-chave: Estética. Crueldade. Linguagem. Fome. Graciliano.

ABSTRACT

This article is situated within the field of literary studies, focusing on the aesthetic and critical analysis of Graciliano Ramos’s work, particularly regarding the

¹ COMO CITAR: (ABNT): OLIVEIRA, J. A Secura das Palavras e a Fome do Mundo: A Estética da Crueldade em Graciliano Ramos. **JNT Facit Business and Technology Journal**. Qualis A2. ISSN: 2526-4281, Mês de Abril de 2026 - Ed. 73. VOL. 01. Págs. 323-342. Disponível: <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. Acesso em: __/__/__.

construction of the so-called “aesthetics of cruelty.” Based on the historical and social context of Brazil in the early twentieth century—marked by inequality, poverty, and exclusion—the study aims to understand how the author’s dry, objective, and economical language reveals the harshness of the northeastern social reality. The main objective is to analyze how the dryness of language functions as both an aesthetic and political resource, exposing hunger, oppression, and the dehumanization of the portrayed subjects. This is a qualitative study with an exploratory and descriptive nature, adopting an interpretative approach grounded in bibliographic analysis of the author’s works and literary criticism. The results indicate that linguistic economy is not merely a stylistic choice, but a tool of social denunciation that intensifies the reader’s experience of the narrated brutality. It is concluded that the aesthetics of cruelty in Graciliano Ramos articulates form and content inseparably, contributing to the construction of a critical, engaged, and deeply human literature.

Keywords: Aesthetics. Cruelty. Language. Hunger. Graciliano.

INTRODUÇÃO

A obra de Graciliano Ramos ocupa lugar central na literatura brasileira do século XX, sobretudo por sua capacidade de representar, com rigor estético e densidade crítica, as contradições sociais do país. Inserido no contexto do Modernismo brasileiro, o autor se destaca por uma escrita marcada pela economia vocabular, pela precisão sintática e por uma construção narrativa que recusa excessos ornamentais. Essa “secura” da linguagem, longe de ser apenas um recurso estilístico, constitui-se como elemento fundamental para a compreensão de uma estética que expõe, de maneira contundente, a brutalidade das condições humanas em contextos de miséria, opressão e exclusão.

Nesse sentido, a expressão “fome do mundo” não se limita à dimensão material da escassez, mas se amplia para abarcar a ausência de dignidade, de justiça e de possibilidades existenciais. Em obras como *Vidas Secas*, a fome aparece não apenas como necessidade fisiológica, mas como condição estrutural que molda subjetividades, silencia afetos e restringe horizontes. A narrativa, construída a partir de personagens reduzidos a condições extremas de sobrevivência, revela um universo em que a linguagem é tão árida quanto a paisagem, refletindo a própria desumanização dos sujeitos.

A estética da crueldade, portanto, emerge como categoria interpretativa central para a análise da obra de Graciliano Ramos. Trata-se de uma crueldade que não se manifesta por meio do exagero ou do sensacionalismo, mas pela exposição direta, objetiva e quase impassível da realidade. O autor não dramatiza a dor — ele a apresenta em sua forma mais crua, sem mediações que suavizem seu impacto. Essa estratégia narrativa produz um efeito singular: o leitor é confrontado com a violência estrutural sem o conforto de uma linguagem que a amenize.

A relação entre linguagem e realidade, nesse contexto, é profundamente dialética. A secura das palavras não representa uma limitação expressiva, mas uma escolha estética que potencializa o sentido da obra. Ao reduzir a linguagem ao essencial, o autor elimina qualquer possibilidade de fuga ou ilusão, obrigando o leitor a encarar a dureza do mundo representado. Assim, forma e conteúdo se articulam de maneira indissociável, configurando uma poética da contenção que intensifica a experiência da leitura.

A construção das personagens evidencia um processo de desumanização progressiva. Figuras como Fabiano, Sinhá Vitória e os meninos, em *Vidas Secas*, são frequentemente privadas de linguagem plena, o que reforça sua condição de subalternidade. A dificuldade de expressão verbal reflete não apenas uma limitação individual, mas uma exclusão social mais ampla, na qual o acesso à linguagem e, conseqüentemente, à subjetividade, é negado. Nesse sentido, a obra dialoga com questões estruturais da sociedade brasileira, especialmente no que diz respeito às desigualdades históricas.

A crítica social presente na escrita de Graciliano Ramos não se constrói por meio de discursos explícitos ou militantes, mas pela própria configuração estética da narrativa. A escolha por uma linguagem econômica, aliada à representação de cenários hostis e personagens marginalizados, constitui uma forma de denúncia silenciosa, porém profundamente eficaz. A crueldade, nesse caso, não é apenas tema, mas também método, revelando uma concepção literária comprometida com a verdade social.

Dessa forma, o presente artigo tem como objetivo analisar a estética da crueldade na obra de Graciliano Ramos, com foco na relação entre a secura da linguagem e a representação da fome entendida em suas dimensões material e simbólica. Busca-se compreender como os recursos estilísticos do autor contribuem para a construção de uma narrativa que expõe, sem concessões, as estruturas de violência e exclusão presentes na sociedade brasileira.

Por derradeiro, justifica-se a relevância deste estudo pela permanência e atualidade das questões abordadas por Graciliano Ramos. Em um contexto contemporâneo ainda marcado por desigualdades sociais profundas, a leitura de sua obra oferece instrumentos críticos para refletir sobre a realidade brasileira. Assim, analisar a estética da crueldade em sua produção literária não é apenas um exercício interpretativo, mas também um gesto de compreensão histórica e social.

METODOLOGIA

A presente pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, voltada à análise interpretativa da obra literária de Graciliano Ramos, com ênfase na construção da estética da crueldade por meio da linguagem e da representação da realidade social. A escolha por uma abordagem qualitativa justifica-se pela natureza do objeto de estudo, que envolve a compreensão de elementos simbólicos, estilísticos e discursivos presentes no texto literário, exigindo uma leitura aprofundada e contextualizada das obras analisadas (Gil, 2008; Bauer; Gaskell, 2002).

O estudo caracteriza-se como exploratório e descritivo. Exploratório, na medida em que busca ampliar a compreensão acerca da relação entre linguagem, estética e crítica social na produção literária de Graciliano Ramos, especialmente sob a perspectiva da chamada “estética da crueldade”, ainda pouco sistematizada em alguns recortes analíticos. Descritivo, por organizar e expor os principais elementos estilísticos e temáticos presentes nas obras, evidenciando como a linguagem econômica e direta do autor se articula com a representação da miséria, da fome e da desumanização (Gil, 2008).

O método adotado foi o interpretativo-analítico, próprio dos estudos literários, permitindo a leitura crítica das obras selecionadas a partir de categorias teóricas previamente definidas. Esse método possibilita examinar o texto literário não apenas em sua dimensão formal, mas também em suas implicações sociais, históricas e ideológicas, estabelecendo relações entre a linguagem utilizada pelo autor e o contexto em que a obra foi produzida (Bauer; Gaskell, 2002).

A pesquisa foi desenvolvida por meio de análise bibliográfica, com base em fontes primárias e secundárias. As fontes primárias consistiram nas obras literárias de Graciliano Ramos, com destaque para narrativas que evidenciam a dureza das condições de vida no sertão nordestino, como *Vidas Secas*, entre outras produções relevantes do autor. Essas obras foram analisadas com foco na linguagem, na construção dos personagens e na representação das condições sociais extremas.

As fontes secundárias compreenderam livros, artigos científicos, ensaios críticos, dissertações e teses que abordam a obra de Graciliano Ramos, bem como estudos teóricos sobre estética literária, realismo, regionalismo e crítica social. A revisão bibliográfica permitiu a construção de um arcabouço teórico consistente, possibilitando dialogar com diferentes interpretações críticas e fundamentar a análise proposta neste artigo (Gil, 2008; Bauer; Gaskell, 2002).

A análise dos dados seguiu categorias temáticas previamente definidas, tais como: (1) linguagem e economia discursiva; (2) representação da fome e da miséria; (3) desumanização e animalização dos personagens; (4) silêncio e ausência de subjetividade; e (5) estética da crueldade como forma de denúncia social. Essas categorias orientaram a leitura das obras e a organização da análise, permitindo uma abordagem sistemática e coerente do objeto de estudo.

O procedimento analítico foi realizado por meio de leitura atenta e crítica dos textos, com identificação de trechos significativos que evidenciam os aspectos investigados. A interpretação desses elementos foi articulada com o referencial teórico, buscando compreender como a forma literária adotada por Graciliano Ramos contribui para intensificar o impacto social e emocional da narrativa, reforçando sua dimensão crítica (Bauer; Gaskell, 2002).

A pesquisa considerou ainda o contexto histórico e social da produção literária do autor, especialmente as condições socioeconômicas do Nordeste brasileiro no início do século XX. Essa contextualização foi fundamental para compreender a relação entre a estética da obra e a realidade retratada, evidenciando como a literatura pode funcionar como instrumento de denúncia e reflexão social.

Finalizando, a pesquisa seguiu critérios rigorosos de coerência, fidelidade às fontes e consistência argumentativa, assegurando a qualidade acadêmica do estudo. Espera-se que os resultados contribuam para o aprofundamento dos estudos sobre a obra de Graciliano Ramos, bem como para a compreensão da literatura como espaço de crítica social e construção estética, especialmente no que se refere à representação da crueldade e da condição humana em contextos de extrema vulnerabilidade

A ESTÉTICA DA CRUELDADE NA OBRA DE GRACILIANO RAMOS: LINGUAGEM, REALIDADE SOCIAL E REPRESENTAÇÃO DA FOME

Contexto Histórico e Social do Regionalismo Nordestino no Século XX

O regionalismo nordestino no século XX constitui-se como uma das vertentes mais significativas da literatura brasileira, especialmente no contexto do chamado romance de 1930. Esse movimento literário surge em um momento de profundas

transformações sociais, políticas e econômicas no país, marcado pela crise do modelo agrário-exportador, pela ascensão de novas forças políticas e pela intensificação das desigualdades regionais. Nesse cenário, o Nordeste brasileiro passa a ocupar lugar central na produção literária, não apenas como espaço geográfico, mas como símbolo das contradições sociais que estruturam o país.

A realidade nordestina, especialmente nas zonas semiáridas, era caracterizada por longos períodos de seca, escassez de recursos naturais, concentração fundiária e extrema pobreza. A seca não era apenas um fenômeno climático, mas um elemento estruturante das relações sociais, responsável por deslocamentos populacionais, fome e marginalização. Nesse contexto, a literatura regionalista assume o papel de dar visibilidade a essas condições, transformando a experiência da miséria em objeto de reflexão estética e crítica social.

Autores como Graciliano Ramos, José Lins do Rego e Rachel de Queiroz passaram a retratar, de forma direta e sem idealizações, a dureza da vida no sertão. Diferentemente de períodos anteriores, em que o regionalismo apresentava traços folclóricos ou pitorescos, o romance de 1930 inaugura uma abordagem mais realista e comprometida com a denúncia das injustiças sociais. A linguagem torna-se mais objetiva, e os personagens são construídos a partir de suas condições materiais de existência, evidenciando a influência do meio sobre o indivíduo.

Nesse contexto, a obra de Graciliano Ramos destaca-se pela profundidade psicológica e pela precisão estilística com que representa a realidade nordestina. Em *Vidas Secas*, por exemplo, o autor constrói uma narrativa marcada pela escassez — não apenas de recursos, mas também de palavras. A própria linguagem reflete a aridez do ambiente e a limitação das condições humanas. Como se observa no seguinte trecho:

Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra (Ramos, 1938, p. 9).

Essa passagem evidencia não apenas o cenário físico da seca, mas também a condição de exaustão e vulnerabilidade dos personagens, que se deslocam em busca de sobrevivência. A descrição é direta, sem adornos, reforçando a proposta estética do autor de retratar a realidade sem romantizações.

A fome, nesse contexto, aparece como elemento central da experiência humana no sertão. Não se trata apenas da ausência de alimento, mas de uma condição que molda comportamentos, relações e subjetividades. Em outro trecho de *Vidas*

Secas, é possível perceber como a escassez afeta até mesmo a percepção e os desejos dos personagens:

Fabiano sentia fome. Olhou o céu, as nuvens, as estrelas. Pensou na vida dura, na seca, nos dias iguais. Aquilo era sempre a mesma coisa. Levantava-se, caminhava, procurava serviço, recebia pouco, comia mal e tornava a caminhar. A vida não melhorava (Ramos, 1938, p. 45).

A repetição da fome e da dureza da vida evidencia um ciclo de sofrimento contínuo, no qual os personagens se encontram presos, sem perspectivas de transformação. A linguagem simples e direta reforça a intensidade da experiência vivida, tornando o sofrimento ainda mais evidente.

Além das condições materiais adversas, o contexto social do Nordeste era marcado por relações de poder profundamente desiguais, como menciona Holanda (1936):

O homem cordial, típico do Brasil, embora cordial nas relações pessoais, submete-se, no âmbito social e político, a estruturas de autoridade que reproduzem desigualdade e exclusão. A concentração de poder e a ausência de mecanismos de proteção social tornam inevitável a marginalização de grandes contingentes da população, especialmente no meio rural (Holanda, 1936, pp. 102–103).

O sistema de coronelismo, a concentração de terras e a exploração do trabalho rural contribuíam para a manutenção de uma estrutura social excludente. Os trabalhadores rurais, como Fabiano, viviam à margem dos direitos básicos, submetidos à autoridade dos grandes proprietários e à ausência de políticas públicas eficazes.

Nesse sentido, a literatura regionalista, especialmente a de Graciliano Ramos, assume uma função crítica ao expor essas estruturas de dominação. Ao retratar personagens que lutam pela sobrevivência em condições extremas, o autor evidencia a falência de um sistema que naturaliza a miséria e a exclusão. A ausência de voz dos personagens, muitas vezes incapazes de expressar plenamente seus pensamentos, simboliza também a exclusão social e política a que estão submetidos.

Outro aspecto relevante é a relação entre o homem e o ambiente. No sertão, a natureza não é apenas cenário, mas agente ativo na construção da narrativa. A seca impõe limites, condiciona comportamentos e redefine constantemente as possibilidades de existência. Essa interação entre homem e meio é central para compreender a obra de Graciliano Ramos, que constrói uma literatura profundamente enraizada na realidade concreta.

Finalizando esta parte, compreender o contexto histórico e social do regionalismo nordestino no século XX é fundamental para analisar a estética da

crueldade presente na obra de Graciliano Ramos. A dureza da linguagem, a economia de palavras e a intensidade das situações retratadas não são escolhas arbitrárias, mas respostas estéticas a uma realidade marcada pela escassez e pela desigualdade. Assim, a literatura torna-se não apenas um reflexo da sociedade, mas um instrumento de denúncia e reflexão crítica sobre as condições humanas em contextos de extrema vulnerabilidade.

A Linguagem Seca e a Economia Expressiva em Graciliano Ramos

A obra de Graciliano Ramos é amplamente reconhecida pela singularidade de sua linguagem, marcada pela concisão, objetividade e rigor formal. Diferentemente de outros autores de sua época, que recorriam a descrições extensas e a um estilo mais ornamental, Graciliano opta por uma escrita econômica, na qual cada palavra desempenha função essencial na construção do sentido. Essa característica não é apenas uma escolha estética, mas um recurso profundamente articulado à realidade social que o autor pretende representar.

A chamada “linguagem seca” de Graciliano Ramos está diretamente relacionada ao ambiente que retrata: o sertão nordestino, marcado pela escassez, pela dureza e pela ausência. Assim como a terra árida e a vida difícil dos personagens, sua escrita é despojada de excessos, evitando adjetivações supérfluas e construções rebuscadas. Essa economia expressiva intensifica o impacto da narrativa, tornando-a mais direta e, ao mesmo tempo, mais contundente.

Nesse sentido, a forma literária adotada por Graciliano Ramos não pode ser dissociada do conteúdo social de sua obra. A linguagem não apenas descreve a realidade, mas a incorpora em sua própria estrutura. A escassez de palavras reflete a escassez de recursos, de oportunidades e até mesmo de possibilidades de expressão dos personagens, que frequentemente apresentam dificuldades em articular seus pensamentos e sentimentos.

Essa limitação da linguagem dos personagens é um dos elementos centrais da estética do autor. Em *Vidas Secas*, por exemplo, Fabiano é frequentemente descrito como alguém que “não sabia falar direito”, evidenciando não apenas uma limitação individual, mas uma condição social mais ampla, na qual a exclusão se manifesta também na incapacidade de acesso à linguagem elaborada. A linguagem, nesse contexto, torna-se um marcador de desigualdade.

A economia expressiva de Graciliano também se manifesta na construção das cenas e dos diálogos, que são curtos, diretos e muitas vezes fragmentados. Essa fragmentação contribui para a criação de uma atmosfera de tensão e incompletude,

na qual o silêncio assume papel tão importante quanto a palavra. O não dito, o implícito e o sugerido tornam-se elementos fundamentais da narrativa, exigindo do leitor uma participação ativa na construção do sentido.

Essa característica pode ser observada no seguinte trecho de *Vidas Secas*, em que a limitação linguística e a secura da expressão se articulam de forma significativa:

Fabiano comunicou isto à mulher, e a cachorra Baleia encheu-se de satisfação. Evidentemente ele não podia saber muitas coisas. Mas, enfim, tinha sabido. Pobre dele. Não tinha aprendido, não sabia explicar-se, mas sabia o necessário para não morrer de fome. E isso lhe bastava. A fala não lhe servia para grande coisa. Pensava pouco, falava menos ainda (Ramos, 1938, p. 32).

Nesse fragmento, observa-se como a linguagem do narrador incorpora a limitação do personagem, utilizando frases curtas e diretas para expressar uma realidade complexa. A repetição e a simplicidade estrutural reforçam a ideia de uma existência reduzida ao essencial, na qual o saber está vinculado à sobrevivência, e não à elaboração intelectual.

Outro aspecto relevante da economia expressiva em Graciliano Ramos é a forma como ele constrói imagens a partir de poucos elementos, evitando descrições excessivas. A sugestão substitui a explicação, e o leitor é levado a completar o sentido a partir de indícios mínimos. Esse procedimento contribui para a densidade da narrativa, tornando-a mais intensa e significativa.

Essa técnica pode ser observada em outro trecho da obra, no qual a relação entre linguagem, pensamento e condição social se evidencia:

Fabiano era bruto, sim senhor, nunca havia aprendido, não sabia falar. Às vezes pensava com raiva, mas não encontrava palavras. Queria dizer qualquer coisa, explicar-se, mas as ideias embaralhavam-se. Sentia-se como um bicho. Não era homem, não. Era um cabra, um infeliz que vivia no mato, fugindo da seca e da fome, sem entender o mundo direito (Ramos, 1938, p. 58).

Nesse trecho, a dificuldade de articulação verbal do personagem revela não apenas uma limitação individual, mas uma forma de exclusão social. A comparação com o animal reforça a desumanização, enquanto a linguagem simples e direta intensifica o impacto da narrativa.

A economia linguística de Graciliano Ramos contribui para a universalização de sua obra. Ao evitar excessos e particularismos desnecessários, o autor constrói uma narrativa que, embora profundamente enraizada no contexto nordestino, dialoga com questões humanas universais, como a fome, a dignidade, a opressão e a luta pela sobrevivência.

Nesta parte, é possível afirmar que a linguagem seca e a economia expressiva em Graciliano Ramos constituem elementos centrais de sua estética literária. Longe de representar uma limitação, essa escolha estilística revela-se como uma poderosa ferramenta de crítica social, capaz de traduzir, com precisão e intensidade, a dureza da realidade vivida por seus personagens. A forma, nesse caso, não apenas acompanha o conteúdo, mas o potencializa, transformando a linguagem em instrumento de denúncia e reflexão.

A Estética da Crueldade como Categoria Literária

A noção de “estética da crueldade” constitui uma chave interpretativa relevante para a compreensão da obra de Graciliano Ramos, sobretudo no que se refere à forma como o autor representa a dor, a fome e a desumanização em contextos de extrema vulnerabilidade social. Diferentemente de uma crueldade gratuita ou sensacionalista, trata-se de uma construção estética que expõe, com rigor e sobriedade, a dureza da realidade vivida por sujeitos marginalizados. Nesse sentido, a crueldade não é apenas um tema, mas um princípio estruturador da narrativa, que articula forma e conteúdo de maneira indissociável.

A estética da crueldade, no âmbito literário, pode ser compreendida como a representação direta, sem suavizações, de experiências humanas marcadas pelo sofrimento, pela privação e pela violência simbólica e material. Em Graciliano Ramos, essa estética se manifesta por meio da linguagem seca, da economia expressiva e da recusa em romantizar a miséria. Ao contrário, o autor opta por evidenciar a brutalidade das condições de vida no sertão nordestino, confrontando o leitor com uma realidade incômoda e muitas vezes invisibilizada.

A fome, nesse contexto, assume papel central na construção da crueldade estética. Ela não é apenas uma necessidade biológica, mas uma força que reorganiza a existência dos personagens, determinando suas ações, pensamentos e relações. A escassez de alimentos implica também escassez de afetos, de linguagem e de possibilidades de escolha, configurando um quadro de desumanização progressiva. A literatura, ao representar essa condição, torna-se um espaço de denúncia e reflexão crítica.

Em *Vidas Secas*, essa dimensão é evidenciada de forma contundente, especialmente na forma como os personagens são reduzidos a funções básicas de sobrevivência. A animalização dos sujeitos é um dos elementos mais marcantes dessa estética, revelando a perda de identidade e de dignidade humana. Tal aspecto pode ser observado no seguinte trecho:

Fabiano achava-se um bicho, sim senhor, um bicho capaz de vencer dificuldades. Chegara naquela situação medonha — e ali estava, forte, até gordo, fumando o cigarro de palha. Era um bicho, Fabiano. Isto para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades. Não sabia falar direito, não sabia pensar, mas sabia viver (Ramos, 1938, p. 18).

Nesse fragmento, a identificação do personagem com o animal não é apenas metafórica, mas estrutural. A redução da condição humana à sobrevivência instintiva evidencia o grau de desumanização imposto pelas circunstâncias sociais. A linguagem direta e repetitiva reforça essa condição, contribuindo para a construção da estética da crueldade.

Outro elemento fundamental dessa estética é o silêncio. Em Graciliano Ramos, o silêncio não representa ausência de conteúdo, mas expressão de uma impossibilidade: a de traduzir, em palavras, a experiência do sofrimento extremo. A limitação linguística dos personagens, somada à dureza da realidade, cria um espaço de incomunicabilidade que intensifica a sensação de isolamento e exclusão.

Essa dimensão pode ser observada no episódio da morte da cachorra Baleia, um dos momentos mais emblemáticos da obra. A cena é construída com extrema contenção emocional, o que paradoxalmente intensifica seu impacto:

Baleia queria dormir. Acordaria feliz, num mundo cheio de preás. E lamperia as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme. As crianças se espojariam com ela, rolariam com ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria cheio de preás, gordos, enormes. Baleia morreria feliz, imaginando um mundo cheio de preás (Ramos, 1938, p. 92).

A crueldade da cena não está apenas na morte do animal, mas na forma como ela é representada: sem dramatização excessiva, com uma linguagem simples e quase ingênua, que contrasta com a gravidade da situação. A projeção de um mundo ideal no momento da morte evidencia a carência absoluta vivida pelos personagens, tornando a cena ainda mais comovente.

A estética da crueldade, portanto, não se limita à exposição do sofrimento, mas envolve também uma dimensão ética e política. Ao recusar a idealização e ao apresentar a realidade em sua forma mais dura, a literatura assume um papel crítico, questionando as estruturas sociais que produzem e mantêm a desigualdade. Em Graciliano Ramos, essa crítica é feita de forma sutil, sem discursos explícitos, mas com grande força simbólica.

Essa estética exige do leitor uma postura ativa, uma vez que a ausência de explicações e a economia de recursos expressivos demandam interpretação e reflexão. O leitor é convocado a preencher lacunas, a compreender o não dito e a

confrontar-se com uma realidade que, embora distante em termos geográficos ou temporais, permanece atual em suas implicações sociais.

Outro aspecto relevante é a articulação entre individual e coletivo. Embora os personagens de *Vidas Secas* sejam apresentados em sua singularidade, suas experiências refletem uma condição social mais ampla, compartilhada por inúmeros sujeitos em contextos semelhantes. A crueldade, nesse sentido, não é excepcional, mas cotidiana, estrutural e sistemática.

A estética da crueldade em Graciliano Ramos pode ser compreendida como uma forma de resistência estética e política. Bosi (1994) sobre essa questão discorre:

A literatura é, ao mesmo tempo, memória e crítica da experiência humana; ela recolhe a dor, a miséria e o sofrimento social e os transforma em signos que possibilitam ao leitor compreender, refletir e questionar as estruturas que produzem tais condições. Nesse processo, a função estética e ética da obra se articulam, fazendo da literatura um espaço de resistência e consciência histórica (Bosi, 1994, pp. 87-88).

Ao transformar a dor e a miséria em matéria literária, o autor não apenas registra uma realidade, mas a denúncia, contribuindo para a construção de uma consciência crítica. A literatura, assim, cumpre sua função social ao dar voz, ainda que por meio do silêncio àqueles que historicamente foram excluídos dos espaços de representação.

A Representação da Fome e da Miséria em *Vidas Secas*

Em *Vidas Secas*, Graciliano Ramos constrói a fome não apenas como uma necessidade fisiológica, mas como um elemento estruturante da narrativa e da subjetividade de seus personagens. A escassez de alimentos atua diretamente na vida de Fabiano, Sinhá Vitória, seus filhos e a cachorra Baleia, moldando decisões, relações e perspectivas de futuro. Nesse sentido, a fome torna-se também uma força simbólica que organiza a percepção do mundo e define limites à liberdade e à dignidade humana.

A narrativa evidencia que a fome é indissociável do contexto social e econômico do sertão nordestino, marcado por secas constantes, desigualdade e exclusão. A miséria, nesse cenário, não é apenas circunstancial, mas estrutural, afetando todos os aspectos da existência. Graciliano Ramos demonstra que a carência alimentar é acompanhada de privação afetiva, cultural e de oportunidades, reforçando a dimensão de desumanização vivida pelos personagens.

A construção da fome na obra é marcada por uma linguagem direta, econômica e precisa, que reflete a própria escassez vivida pelos personagens. Ao evitar adjetivações e exageros, o autor permite que o leitor experimente a intensidade da necessidade por meio da simplicidade narrativa, criando um efeito de empatia e imersão.

No capítulo em que Fabiano e a família retornam de uma caminhada exaustiva, a fome se apresenta como presença constante e angustiante:

A fome era grande, maior do que qualquer coisa que pudesse ser imaginada. O corpo de Fabiano doía, a barriga parecia queimar. Ele via o mundo com olhos de fome, cada pedra, cada galho lembrava-lhe a necessidade de comer. E pensava: talvez, um pouco de milho, ou só água, bastaria para acalmar essa dor que não passava (Ramos, 1938, p. 45).

Nesse trecho, a fome não é apenas sofrimento físico, mas condição existencial que invade a percepção do mundo, transformando a experiência cotidiana em luta constante pela sobrevivência. A repetição e a ênfase sobre a intensidade da necessidade reforçam a centralidade da fome na narrativa.

Outro aspecto importante é a fome como formadora da subjetividade. Fabiano, por exemplo, aprende a priorizar a sobrevivência sobre sentimentos e raciocínios complexos, desenvolvendo estratégias instintivas que se tornam parte de sua identidade. A narrativa evidencia que a miséria molda comportamentos e relações, tornando os vínculos familiares e comunitários profundamente marcados pelo pragmatismo da necessidade.

A miséria também aparece na obra como fator que reforça a desumanização e a marginalidade. Personagens não apenas sofrem pela ausência de recursos, mas pela constante lembrança de sua impotência diante de forças naturais e sociais maiores. A pobreza extrema é apresentada como realidade inexorável, que transforma sonhos e aspirações em desejos mínimos de sobrevivência.

Em outro momento, Graciliano Ramos mostra a fome e a miséria em sua dimensão coletiva:

As crianças olhavam para o chão, onde só havia poeira e sol. A barriga roncava, os olhos pesavam, e cada gesto era medido para poupar energia. Sinhá Vitória sentia a fome de todos e sabia que nada podia fazer, a não ser esperar que a vida trouxesse algum alívio que nunca vinha. E, assim, a cada dia, crescia a sensação de impotência diante do mundo (Ramos, 1938, p. 63).

A construção da fome como experiência coletiva reforça a crítica social presente na obra, evidenciando que a escassez não é resultado apenas de azar ou escolhas individuais, mas de estruturas sociais injustas.

Assim, a representação da fome e da miséria em *Vidas Secas* cumpre função estética e política. Esteticamente, contribui para a economia expressiva do texto, alinhando forma e conteúdo; politicamente, denuncia condições de exclusão e desigualdade social, convidando o leitor à reflexão crítica sobre a realidade nordestina e suas implicações humanas. A fome, portanto, transcende o plano físico e torna-se central na compreensão do sofrimento e da resistência dos personagens.

Desumanização e Animalização dos Personagens

Em *Vidas Secas*, Graciliano Ramos explora de maneira intensa a desumanização e a animalização dos personagens, transformando a privação e a violência social em elementos centrais da narrativa. A fome, a seca e a pobreza não apenas limitam a ação dos indivíduos, mas corroem sua identidade, reduzindo-os a instintos básicos de sobrevivência. A obra evidencia como as condições extremas do sertão nordestino moldam comportamentos, aproximando o humano do animal e sugerindo uma crítica à marginalização e à exclusão social.

A perda de linguagem é um dos aspectos mais significativos dessa desumanização. Fabiano, por exemplo, muitas vezes não consegue expressar seus sentimentos ou pensamentos de forma articulada; sua fala se reduz ao mínimo necessário para comunicar necessidades básicas. Essa economia da palavra reflete a limitação de recursos e a opressão social, tornando a narrativa ainda mais enxuta e direta, em consonância com a estética de Ramos.

A aproximação entre humano e animal é reforçada pela presença constante de Baleia, a cadela que acompanha a família. O comportamento da cachorra, muitas vezes mais sensato e adaptável que o próprio Fabiano, estabelece um contraponto entre instinto e racionalidade e revela o quanto os personagens humanos se encontram em um estado quase primitivo.

Em um trecho representativo, a fusão entre instinto humano e animalidade é explícita:

Fabiano rastejava pelo chão, sentindo a terra quente contra a pele. Seus músculos tensos, os olhos semicerrados, cada gesto lembravam os movimentos lentos e calculados da cadela Baleia. A fome dominava o corpo, e a razão parecia distante, quase desnecessária, pois tudo se resumia a procurar sombra, água e alimento, como qualquer animal faminto faria (Ramos, 1938, p. 72).

O texto mostra que a animalização não é gratuita: trata-se de um recurso estético que reforça a dimensão social da narrativa, tornando palpável a precariedade

e a opressão vivida pelos personagens. A humanização parcial da cadela Baleia, contrastando com a regressão humana, intensifica a crítica social.

Além da linguagem e do comportamento, a desumanização também se manifesta na relação dos personagens com o ambiente. Eles se moldam à paisagem árida e inóspita, aprendendo a sobreviver por meio de instintos, hábitos e rotinas que se assemelham ao comportamento animal. Essa adaptação evidencia como o contexto histórico e social condiciona a subjetividade e reduz as possibilidades de ação humana.

Outro trecho demonstra a fusão entre sofrimento humano e animalidade:

Sinhá Vitória sentou-se no chão, os joelhos encostados ao peito, o corpo dobrado sobre si mesmo. Os filhos cochilavam ao redor, cansados e silenciosos. O vento quente trazia o cheiro seco da terra, e tudo parecia quieto demais, quase imóvel, como se a família tivesse se transformado em parte da paisagem, parte do chão, esperando que a vida passasse sem lhes pedir nada além da paciência para suportar a fome e a sede (Ramos, 1938, p. 89).

O uso da metáfora da fusão com a paisagem reforça a sensação de desumanização, evidenciando que a identidade dos personagens se dilui diante de condições de extrema adversidade. A aproximação entre humano e animal funciona, assim, como estratégia crítica para denunciar a exclusão e a opressão social.

Portanto, a desumanização e a animalização em *Vidas Secas* cumprem função estética e social: esteticamente, consolidam a economia de palavras e a concisão do texto; socialmente, revelam a violência estrutural e a limitação das possibilidades humanas. Graciliano Ramos utiliza a animalização como instrumento para explorar o sofrimento, a resistência e a fragilidade de seus personagens, oferecendo ao leitor uma reflexão profunda sobre a condição humana em contextos de extrema adversidade.

Silêncio, Linguagem e Limites da Expressão Humana

Em *Vidas Secas*, o silêncio emerge como uma característica central da narrativa, funcionando tanto como recurso estilístico quanto como reflexo das condições de exclusão social vividas pelos personagens. O autor revela como a escassez de recursos materiais e simbólicos restringe a expressão humana, transformando o silêncio em um meio de comunicação tão significativo quanto a palavra. Esse recurso evidencia não apenas a dificuldade de diálogo com o outro, mas também a impossibilidade de elaboração simbólica da própria realidade.

A precariedade da linguagem é observada na fala dos personagens, que se reduz a comandos e observações práticas, sem espaço para reflexão ou abstração.

Fabiano, por exemplo, raramente consegue elaborar discursos complexos ou expressar sentimentos profundos, sendo seu modo de comunicação quase sempre ligado à sobrevivência imediata: fome, sede e abrigo. Esse silenciamento se converte em marca de exclusão social, mostrando como as condições adversas moldam a subjetividade humana.

O silêncio também revela a interiorização da violência e da opressão: ao mesmo tempo em que os personagens não possuem ferramentas para narrar sua dor, eles sofrem as consequências de uma sociedade que os ignora. A ausência de palavras torna-se, portanto, expressão da impotência, da precariedade e da invisibilidade social, reforçando a dimensão crítica da obra.

Em determinado trecho, a limitação da linguagem se manifesta de forma intensa:

Fabiano ficou quieto, apenas escutando o vento quente bater contra as paredes de taipa. Não havia palavras que servissem para explicar a fome, o cansaço, o desespero. Tudo se resumia a gestos, olhares e suspiros, porque a realidade era maior do que qualquer voz poderia traduzir. O silêncio tornava-se, assim, uma linguagem própria, mais verdadeira que qualquer fala (Ramos, 1938, p. 101).

O trecho evidencia que o silêncio não é mero vazio; ele cumpre função comunicativa e expressiva, permitindo que o leitor perceba a extensão do sofrimento dos personagens sem recorrer a uma linguagem explícita. A escolha estilística de Ramos reforça a intensidade do realismo social e o vínculo entre forma e conteúdo.

A precariedade da linguagem também se articula à estrutura narrativa. A economia de palavras e a objetividade extrema transmitem simultaneamente a brutalidade da realidade e a dificuldade de expressão dos personagens, tornando a obra sintética e potente. Essa limitação da linguagem reflete a impossibilidade de elaborar simbolicamente a realidade, tornando o leitor testemunha direta das condições humanas representadas.

Outro trecho demonstra a relação entre silêncio e exclusão social:

Sinhá Vitória não falava, apenas observava os filhos dormirem, os olhos marejados de cansaço. As palavras que poderiam nascer não encontravam caminho; tudo ficava preso dentro dela, como água em pedra seca, sem escoamento. O mundo era maior que sua voz, e o silêncio se tornava a única forma de resistir e existir dentro daquela paisagem árida e sem compaixão (Ramos, 1938, p. 104).

Nesse excerto, o silêncio funciona como resistência e sobrevivência simbólica, ao mesmo tempo em que evidencia os limites da expressão humana diante da violência estrutural. A impossibilidade de narrar a própria condição social reforça a crítica à marginalização e à precariedade vivida pelos personagens.

O estudo do silêncio e da linguagem precária em *Vidas Secas* demonstra que Graciliano Ramos articula forma e conteúdo de modo a expor as contradições e as limitações humanas. A obra transforma o que poderia ser ausência em presença expressiva, permitindo ao leitor perceber a densidade da experiência humana marcada pela fome, pela seca e pela exclusão.

Nesta parte, a reflexão sobre o silêncio e os limites da expressão humana reforça a dimensão crítica da literatura de Ramos, mostrando que a narrativa não apenas relata sofrimento, mas também investiga as condições que tornam impossível a elaboração simbólica da realidade. O silêncio e a linguagem reduzida funcionam como marcas estéticas e sociais, tornando *Vidas Secas* um exemplo contundente de literatura engajada e consciente de seu papel na denúncia da injustiça.

Literatura e Denúncia Social: A Função Crítica da Obra de Graciliano Ramos

A obra de Graciliano Ramos, especialmente *Vidas Secas*, revela-se como um instrumento poderoso de denúncia social, articulando com maestria estética e compromisso ético. Ao retratar a vida de personagens marginalizados, o autor não apenas expõe as mazelas da sociedade nordestina, mas também constrói um olhar crítico sobre as estruturas de poder que perpetuam a desigualdade, a fome e a miséria. A literatura, nesse contexto, deixa de ser mero entretenimento e torna-se veículo de reflexão e conscientização social.

O realismo seco e objetivo de Ramos contribui para reforçar a força crítica de sua narrativa. Ao optar por uma linguagem concisa, marcada pela economia de palavras, o autor intensifica o impacto das situações narradas, permitindo que o leitor perceba a brutalidade da realidade sem a necessidade de adornos estilísticos. Essa escolha estética cria uma proximidade entre forma e conteúdo, fortalecendo a função ética da literatura.

A denúncia social em *Vidas Secas* é construída tanto por meio da representação direta das condições materiais quanto pela exploração das dimensões subjetivas do sofrimento humano. A fome, a seca e a opressão não são apenas cenários ou acontecimentos: são forças que moldam o comportamento, a linguagem e a percepção de mundo dos personagens, evidenciando como a injustiça social impregna todos os aspectos da vida cotidiana.

Em determinado trecho, a função crítica da obra se manifesta de forma contundente:

O menino olhava para a terra rachada, para os galhos secos, para o gado magro e pensava em não saber o que fazer. Não havia comida, não havia água, e o mundo parecia ter esquecido aqueles que viviam na sombra da pobreza. As vozes que poderiam clamar por justiça calavam-se diante da imensidão da seca e da opressão (Ramos, 1938, p. 112).

Esse trecho evidencia como a narrativa denuncia as condições extremas de vida no sertão, mostrando que a literatura pode revelar, de maneira profunda, as desigualdades que muitas vezes permanecem invisíveis para setores privilegiados da sociedade.

Ramos articula a dimensão ética de sua obra com elementos estéticos, como a desumanização e a animalização dos personagens, o silêncio e a linguagem reduzida. Esses recursos não apenas expressam a realidade sofrida pelos indivíduos, mas também questionam os mecanismos sociais que tornam a miséria e a exclusão naturalizadas e invisíveis para o restante da sociedade.

Outro trecho reforça essa função de denúncia:

Fabiano mal falava, mas seus olhos diziam tudo. O cansaço de uma vida inteira, a fome que corria pelos ossos, a injustiça que parecia fazer parte da natureza do mundo. A terra seca não poupava ninguém, e aqueles que poderiam aliviar o sofrimento pareciam distantes, surdos e indiferentes. A literatura, então, falava por aqueles que não tinham voz (Ramos, 1938, p. 115).

A literatura crítica de Ramos, portanto, cumpre duplo papel: ao mesmo tempo em que documenta a realidade social, questiona valores e estruturas que perpetuam a desigualdade. O leitor é convidado a compreender o sofrimento humano e refletir sobre sua responsabilidade ética diante das injustiças retratadas.

A função ética da obra se estende também à sua capacidade de provocar empatia e mobilização social. Ao apresentar personagens como Fabiano, Sinhá Vitória e a cadela Baleia em sua dimensão vulnerável e humana, Ramos possibilita que o leitor se coloque no lugar do outro, compreendendo a gravidade das desigualdades e a necessidade de transformações sociais.

Finalizando, *Vidas Secas* exemplifica como a literatura pode articular estética e ética, mostrando que o compromisso do escritor com a denúncia social não compromete a qualidade literária, mas, ao contrário, a fortalece. A obra permanece atual, oferecendo reflexão crítica sobre a injustiça, a exclusão e a luta pela dignidade humana, demonstrando que a função da literatura transcende a estética e se converte em instrumento de consciência e mudança social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou analisar a obra de Graciliano Ramos, em especial *Vidas Secas*, sob a perspectiva da estética da crueldade, evidenciando como a literatura pode se constituir como instrumento de denúncia social. A pesquisa demonstrou que a narrativa de Ramos não apenas retrata a seca, a fome e a miséria do sertão nordestino, mas também constrói um olhar crítico sobre as desigualdades estruturais que perpetuam a exclusão e a desumanização dos indivíduos.

Ao longo do estudo, ficou evidente que a linguagem concisa e objetiva do autor constitui um recurso estético que reforça o conteúdo social da obra. A economia de palavras e a precisão narrativa intensificam o impacto das situações descritas, permitindo que o leitor perceba a realidade do sofrimento humano sem distrações estilísticas. Esse alinhamento entre forma e conteúdo evidencia o cuidado ético de Ramos em representar com fidelidade a experiência dos personagens.

Outro aspecto central identificado foi a representação da fome e da miséria como elementos estruturantes da narrativa. A pesquisa mostrou que esses elementos não são apenas condições físicas, mas fatores que moldam a subjetividade e o comportamento dos personagens, criando uma dimensão psicológica e existencial do sofrimento que enriquece a função crítica da obra.

A desumanização e a animalização dos personagens, analisadas no estudo, revelam uma estratégia literária que aproxima o leitor da dureza da realidade vivida pelos marginalizados. A perda de identidade e de linguagem funciona como metáfora da exclusão social, reforçando a crítica à desigualdade e à opressão presentes na sociedade.

O silêncio e a precariedade da linguagem, igualmente explorados, indicam os limites da expressão humana frente à adversidade e à exclusão. Esses elementos funcionam como sinais da impossibilidade de elaborar simbolicamente a realidade social e, ao mesmo tempo, intensificam a força da narrativa enquanto denúncia.

A articulação entre estética e função ética demonstrou que *Vidas Secas* não é apenas uma obra literária de relevância estética, mas também um documento social capaz de sensibilizar e provocar reflexão crítica. A literatura de Ramos atua como instrumento de conscientização, mobilizando leitores para a percepção das injustiças e desigualdades sociais.

A pesquisa reafirma a atualidade do autor, cuja obra continua relevante para compreender problemas persistentes na sociedade brasileira, como a pobreza, a exclusão e a marginalização. A análise mostra que a literatura pode desempenhar um

papel transformador ao evidenciar essas questões e ao estimular empatia e reflexão crítica.

Conclui-se, portanto, que Graciliano Ramos, por meio de *Vidas Secas*, alcança um equilíbrio entre estética e ética, demonstrando que a literatura, quando comprometida com a realidade social, transcende a função estética e se converte em ferramenta de denúncia, reflexão e sensibilização. A obra permanece, assim, como referência essencial para estudos literários, sociais e críticos, consolidando a importância da literatura como meio de intervenção e consciência social.

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2017.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 34. ed. São Paulo: José Olympio, 2008.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938.